

**GUERRA COMO DOMÍNIO-FONTE EM ENUNCIADOS SOBRE *DISCUSSÃO*,
DOENÇA E *MATERNIDADE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO**

**WAR WAS SOURCE DOMAIN IN EXCERPTS ABOUT *ARGUMENT*, *DISEASE* AND
LIFE CHALLENGES IN BRAZILIAN WRITTEN PORTUGUESE**

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19582

Amanda Leles Feitosa¹

Resumo: A Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff; Johnson, 1982 [1980]) define a metáfora como instrumento de conceptualização do mundo, com o qual um domínio-alvo é compreendido e experienciado por meio de um domínio-fonte. Assim, esta pesquisa tem o objetivo de investigar os mapeamentos do domínio-fonte GUERRA para os domínios-alvo DISCUSSÃO (Lakoff; Johnson, 1980), DOENÇA (Almeida, 2020) e MATERNIDADE. Para tal, utilizamos como material de análise enunciados publicados em portais de notícias digitais. Os resultados mostram que os aspectos bélicos da GUERRA mostraram-se úteis para a estruturação parcial dos domínios-alvo abordados, enfocando certos aspectos da experiência, e camuflando outros.

Palavras-chave: Teoria da Metáfora Conceptual; domínio-fonte GUERRA; português.

Abstract: The Theory of Conceptual Metaphor (Lakoff; Johnson, 1982 [1980]) defines metaphor as an instrument for conceptualizing the world, with which a target domain is understood and experienced through a source domain. Thus, this research aims to investigate the mappings of the source domain WAR to the target domains DISCUSSION (Lakoff; Johnson, 1980), DISEASE (Almeida, 2020) and MOTHERHOOD. To this end, we analyzed statements published in digital media. The results show that the source domain WAR proved to be useful for the partial structuring of the target domains addressed, focusing on certain aspects of the experience, and camouflaging others.

Keywords: Conceptual Metaphor Theory; WAR source-domain; Portuguese.

Introdução

Há mais de 30 anos, Lakoff e Johnson publicaram o que é hoje considerado o trabalho seminal da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), *Metaphors We Live By*, de 1982 [1980], que deu exemplos numerosos de expressões linguísticas que evidenciam metáforas conceptuais. Isso porque a expressão linguística metafórica é somente a manifestação da metáfora conceptual, que, na realidade, é um mecanismo cognitivo, de acordo com a TMC.

¹ Mestre em Letras e Linguística, Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Letras Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Sua pesquisa aborda os fenômenos da metáfora e da metonímia sob a ótica da Linguística Cognitiva. É integrante do Grupo de Pesquisa em Análise Linguística e Cognição (Palco/UFC). E-mail: amanda.lf13@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9600-5249>.

A TMC se abriga em uma área mais ampla, denominada Linguística Cognitiva. Ferrari (2020, p. 14) destaca que esse novo paradigma ou vertente se caracteriza, entre outros aspectos, por defender que “[...] a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Assim, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo passa a ser compreendido e experienciado.” Dessa forma, a metáfora, sendo um instrumento cognitivo, é uma das formas que temos de compreender e experienciar o mundo (Lakoff; Johnson, 1982 [1980]).

Neste trabalho, objetivamos investigar os mapeamentos do domínio-fonte GUERRA para os domínios-alvo DISCUSSÃO (Lakoff; Johnson, 1980), DOENÇA (Almeida, 2020) e MATERNIDADE. Procuramos demonstrar de que forma a metáfora conceptual pode ser encontrada por meio das expressões metafóricas presentes em textos escritos, de que forma seus mapeamentos parciais entre domínio-fonte e alvo são feitos, e que aspectos da realidade tais mapeamentos possivelmente destacam e camuflam.

Segundo Almeida, a guerra habita o imaginário coletivo, pois

[...] embora não seja prototipicamente vivida no país, acompanha a humanidade em toda sua existência, de tal forma que, mesmo sem ter vivido uma guerra, aqueles que a conhecem, desde sua infância, por meio de brincadeiras ou de desenhos animados, e, ao longo de toda sua vida, através de livros de história, documentários, reportagens, filmes, poemas, prosas, entre outros registros de modelos culturais [podem compreendê-la] (2020, p. 390).

Desse modo, hipotetizamos que a GUERRA e seus aspectos são úteis para conceptualizar as mais variadas experiências humanas, entre elas DISCUSSÃO, DOENÇA e MATERNIDADE, mesmo que, por vezes, essa conceptualização seja feita com ônus dos conceptualizadores.

Este artigo está organizado em três seções principais. Na primeira seção, tratamos da fundamentação teórica da pesquisa, que se baseia na TMC. Na segunda seção, apresentamos a metodologia da pesquisa. Na terceira seção, analisamos e discutimos os dados.

1 Fundamentação teórica

A metáfora conceptual é um instrumento para compreender e experienciar o mundo. Uma metáfora conceptual é formada por mapeamentos parciais que ocorrem de um domínio-fonte a um domínio-alvo. Dessa forma, cabe explicar o que se entende por domínio e por tais mapeamentos.

Domínio diz respeito a um domínio do conhecimento. A Linguística Cognitiva aborda o conhecimento como sendo enciclopédico, não de dicionário. O conhecimento enciclopédico

constitui um conjunto de saberes sobre algo e se relaciona ao contexto sociocultural, até mesmo físico-corporal, do conceptualizador. De fato, esse conhecimento só se forma com base em tais aspectos, portanto, depende do sujeito que vive o mundo para pensar sobre ele. O conhecimento de dicionário, por outro lado, pressupõe que conceitos existem de forma objetiva e se relacionam com objetos do mundo de maneira descontextualizada (Ferrari, 2020). Então, o domínio é a denominação do conjunto de conhecimentos que alguém possui a respeito, por exemplo, da GUERRA.

Na conceptualização metafórica, dois domínios do conhecimento são ativados: o domínio-fonte e o domínio-alvo. O domínio-fonte provê cenários, fatos e saberes que serão úteis para a compreensão e experiência do domínio-alvo. Essa provisão é o que chamamos de mapeamento.

O mapeamento entre domínios é de natureza parcial na metáfora, pois nem todos os elementos do domínio-fonte serão necessários para a compreensão e experiência do domínio-alvo (Lakoff; Johnson, 1982 [1980], p. 29). Alguns elementos são específicos de cada domínio, e isso os caracteriza como tal. No entanto, essa parcialidade faz com que se criem perspectivas diversas no modo como se conceptualiza e se vive os mais variados aspectos da vida que são perpassados pela metáfora. De acordo com Ferrari (2020, p. 91), “a metáfora está relacionada à noção de perspectiva, na medida em que diferentes modos de conceber fenômenos particulares estão associados a diferentes metáforas.” A autora dá como exemplo a conceptualização de afeto através de duas metáforas conceptuais diversas: temperatura (*pessoa fria, recepção calorosa*) e espacialidade (*pessoas próximas, pessoa inacessível*).

Por meio dessa perspectivização da realidade através da metáfora, alguns aspectos da experiência real são destacados, iluminados, e outros, ocultados (Lakoff; Johnson, 1982 [1980], p. 26). Nesta pesquisa, fazemos menção a tais aspectos nas metáforas que investigamos.

Feita esta breve explanação teórica, passamos, na próxima seção, a tratar dos procedimentos metodológicos da pesquisa.

2 Metodologia

Quanto à abordagem, essa pesquisa é de natureza qualitativa, pois busca aprofundar a compreensão das metáforas conceptuais selecionadas para análise. Quanto ao objetivo, é uma pesquisa exploratória. Quanto aos procedimentos técnicos, é uma pesquisa de *corpus*, uma vez que se propõe a analisar um conjunto de dados.

A partir de pesquisas realizadas através do mecanismo de pesquisa do buscador Google, coletamos trechos de artigos de opinião e de notícias, publicados em português, nas quais as metáforas conceptuais DISCUSSÃO É GUERRA (Lakoff; Johnson 1982 [1980]) e DOENÇA É GUERRA (Almeida, 2020; Cardoso; Campos, 2023) pudessem ser encontradas em português brasileiro escrito. Além disso, buscamos exemplos de uma nova metáfora conceptual que hipotetizamos estar presente no imaginário coletivo brasileiro: VIDA DIFÍCIL É GUERRA. Encontramos vários exemplos de homenagens, frases, dedicações a uma “mulher guerreira”, e exemplos da metáfora MATERNIDADE É GUERRA.

Os critérios para seleção de artigos e notícias e subsequente seleção de expressões metafóricas foram: (a) a publicação dos artigos/notícias em português brasileiro escrito; (b) a publicação dos artigos/notícias em veículos jornalísticos digitais de comunicação em massa incluindo os universitários (por exemplo, Jornal da USP, UNB Notícias, Jornal da UFG); (c) os artigos deveriam ter como temática *discussão* ou *argumentação*, *doença* (ou *epidemia* ou *pandemia*) e *desafios da vida* e suas ramificações, mas não deviam ter como tema a Linguística Cognitiva ou a Teoria da Metáfora Conceptual ou ainda textos literários; (d) as expressões metafóricas deviam ter sido produzidas espontaneamente pelos autores dos textos, isto é, não produzidas com a intenção de exemplificar as metáforas conceptuais que estudamos. Inicialmente, pesquisamos os termos *discussão* e *guerra* no buscador do Google. Encontramos facilmente um artigo de opinião que tratava do assunto da discussão, enquadrava-se nos critérios e apresentava a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA. O mesmo foi feito com *doença* e *guerra*: alguns artigos e notícias foram encontrados, com um pouco mais de dificuldade, e os que mais traziam expressões metafóricas que indicavam a metáfora conceptual DOENÇA É GUERRA foram selecionados.

No caso de VIDA DIFÍCIL É GUERRA, encontramos majoritariamente sites e conteúdos que tratavam da guerra prototípica em si, e não da guerra como domínio-fonte para explicar os desafios da vida. Por isso, buscamos *histórias de superação*, lemos vários artigos e notícias sugeridos pelo mecanismo de pesquisa, mas não encontramos expressões metafóricas que pudessem embasar o uso pelos autores da metáfora conceptual VIDA DIFÍCIL É GUERRA. Por experiência da autora com a língua, que informalmente percebeu o uso dessa expressão metafórica, inserimos também no buscador do Google, a expressão *pessoa guerreira*. Nesse caso, foram encontrados vários casos de mulher, quase sempre mãe, *guerreira*, dedicações, sites de frases de inspiração, relatos de experiência em *blogs*, mas o contrário não ocorria com o sexo oposto, exceto em um caso, na reportagem de Carolina Paes (2013) para o G1, na qual um

homem se descreve como “pessoa guerreira”². Por isso, com os dados que obtivemos, encontramos uma nova metáfora conceptual: MATERNIDADE É GUERRA.

Essa e as demais serão discutidas na próxima seção deste trabalho.

3 Análise e discussão dos dados

Lakoff e Johnson (1982 [1980]) já haviam registrado a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Ela estrutura nossos enunciados quando falamos sobre discutir, e também nossas ações ao participar de uma discussão. Em nossa língua, são comuns expressões tais quais “vencer/perder uma discussão”, “destruir um argumento”, “atacar com críticas ou palavras” ou “argumentos indefensáveis” (obra citada, p. 20). Assim, utilizamos o léxico belicoso e nos posicionamos de forma confrontacional, quando participamos de uma discussão. Assumimos que há um vencedor e um perdedor, que pode haver destruição (de argumentos ou pontos de vista), que estamos em uma situação que requer defesa e ataque (de argumentos ou pontos de vista), e buscamos a vitória no debate.

Um exemplo dessa metáfora aparece no artigo da revista Galileu, *9 dicas para vencer qualquer discussão*, cujo subtítulo é: *ser confiante, ter conhecimento e agir com educação são a chave da vitória em um debate*. Dessa forma, logo no título e subtítulo do artigo, o autor enfatiza o elemento da *vitória*, que faz parte do domínio da GUERRA, mas também de outros, tal qual o domínio JOGOS DE COMPETIÇÃO, que também fazem uso do domínio-fonte da guerra. Por isso, poderia-se pensar que não se trata da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Em determinado momento, o articulista, ao se referir sobre o conhecimento necessário para vencer um debate, escreve: *Você não vai pra guerra sem armas, não é mesmo?*, permitindo-nos inferir: a) a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, ao fazer uso da palavra *guerra* como substituta de *debate* ou *discussão*; e ao apontar as *armas* como o conhecimento dos fatos a serem usados como argumentos. A metáfora também se torna explícita quando o articulista discorre sobre o que fazer quando se “perde” um argumento: *Se um argumento contrário ao seu realmente fez sentido, não fique nervoso e exploda. O reconhecimento também é uma virtude. Perder uma batalha não significa perder a guerra*. Neste excerto, o autor conceptualiza o contraste entre argumentos diversos como sendo uma *batalha* e o debate em si, a *guerra*.

²PAES, Carolina. 'Aprendi a ser uma pessoa guerreira', diz filho de palhaço em Mogi. **G1**, Mogi das Cruzes e Suzano, 02 ago. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2013/08/aprendi-ser-uma-pessoa-guerreira-diz-filho-de-palhaco-em-mogi.html>. Acesso em: 7 jan. 2024.

Outro elemento que é mapeado do domínio-fonte GUERRA para o domínio-alvo DISCUSSÃO é o papel dos participantes, como se observa no trecho seguinte: *Tenha respeito pelo seu adversário. Também vale lembrar o óbvio: um debate de ideias é apenas um debate de ideias. [...] Não parta para violência - física ou verbal.* Nesse excerto, os participantes de um debate são conceptualizados pelo autor como adversários. É interessante notar que o articulista faz um apelo para a não violência física ou verbal. Nem todos os elementos do domínio-fonte precisam ser necessariamente mapeados para o domínio-alvo na metáfora conceptual. É possível que, em situações de debate acalorado, violência física ou verbal ocorra. A violência é um elemento intrínseco ao domínio da GUERRA. O articulista parece lembrar o leitor de que, apesar de a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, estar presente em seu texto, o autor não compactua com o mapeamento do elemento específico *violência* do domínio-fonte GUERRA para o domínio-alvo DISCUSSÃO.

No quadro a seguir, indicamos os elementos mapeados do domínio-fonte GUERRA para o domínio-alvo DISCUSSÃO para melhor visualização:

Quadro 1 – DISCUSSÃO É GUERRA

GUERRA	DISCUSSÃO
vitória	convencer o oponente ou espectadores de seu ponto de vista/provar que diz a verdade
derrota	ser convencido pelo outro ou não conseguir convencer espectadores de seu ponto de vista/não provar que diz a verdade
armas	argumentos
batalha	contraste entre argumentos de participantes
adversários	participantes do debate
violência física	pode ocorrer violência física ou verbal

Fonte: elaboração própria.

Mais um aspecto da experiência humana que é conceptualizado em termos de guerra são as DOENÇAS. Almeida (2020) estudou a metáfora DOENÇA É GUERRA no âmbito das pandemias de Gripe Espanhola e da COVID-19. Ela notou que os papéis de sujeitos da guerra delimitaram conceptualmente papéis de sujeitos sociais no contexto das pandemias, ou seja, papéis semânticos na língua. Assim, por exemplo, os agentes de saúde seriam guerreiros comandados

por um ou mais estrategistas de guerra — pesquisadores ou pessoas da administração da área da saúde:

[...] no corpus do século XX [...] o general é o *director da Saúde Pública, dr. Carlos Seidl*, enquanto os *médicos da hygiene* são [...] os soldados que lutam contra o adversário vírus a ser derrotado. Já, na pandemia de agora, [...] os *cientistas* são conceptualizados como generais que criam as formas para derrotar o inimigo e os *voluntários profissionais de saúde* são [...] os soldados que vão para a linha de frente contra esse poderoso rival militar (obra citada, p. 380).

Além disso, notamos que a metáfora DOENÇA É GUERRA implica a existência de um inimigo a ser vencido, como o vírus da gripe espanhola, da COVID-19, ou, no caso de outras enfermidades, outros antígenos. Essa seria um tipo de metáfora ontológica, pois personifica, ao mesmo tempo que rivaliza, bactérias, vírus, células cancerígenas ou qualquer tipo de antígeno causador de doenças. De fato, o enfermo ou população vulnerável à doença pode vir a sofrer a consequência da morte caso “perca a batalha” contra o antígeno, consequência comum também para os vencidos em campos de batalhas e guerras. Já as armas seriam o material médico usado na cura dos doentes e profilaxia da população, pesquisas científicas acerca das enfermidades que trariam novas vacinas e avanços nos instrumentos médico-cirúrgicos para combater doenças.

Em consonância com os achados de Almeida (2020), notamos que é possível conceptualizar doenças em larga escala, isto é, que causam pandemias, e epidemias, como a dengue por meio do domínio-fonte GUERRA. O Jornal da USP, por exemplo, publicou em fevereiro de 2024, um episódio de *podcast* com o título: *Palavra da Semana #100: Guerra contra a dengue exige atitudes individuais e institucionais*. O Governo Federal publicou um boletim epidemiológico no qual afirma que houve epidemias de dengue no Brasil nos anos de 2022, 2023 e 2024, confirmando, portanto, que o caso do título do episódio de *podcast* do Jornal da USP é uma variação da metáfora DOENÇA É GUERRA, a qual seria EPIDEMIA É GUERRA, e mais especificamente EPIDEMIA DE DENGUE É GUERRA. No fim do *podcast*, a locutora diz “vamos combater o mosquito”: conceptualizando o mosquito *Aedes aegypti*, vetor do vírus que provoca a doença, como o inimigo a ser combatido, por meio do uso de uma unidade lexical (*combater*) do domínio da guerra. Para isso, as *armas* a serem usadas em combate seriam, segundo informado no episódio de *podcast*, diminuir resíduos, colocar areia em pratinhos de plantas, tampar piscinas, caixas d’água ou outros recipientes com água parada.

No entanto, é possível também conceptualizar individualmente uma doença em termos de guerra, como ocorre normalmente em pacientes de câncer. Cardoso e Campos (2023)

notaram esse fenômeno e apontam os mapeamentos entre domínio-fonte (guerra) e domínio-alvo (câncer) que são feitos nessa conceptualização:

Resulta fácil adaptar-se à doença onde comprova-se uma correspondência metafórica aparentemente perfeita: existe um inimigo (a doença), um comandante (o médico), um combatente (o paciente), aliados (a equipe de saúde), um armamento formidável (que incluem armas químicas, biológicas e nucleares) e um extenso campo de batalha (o organismo). A guerra, associada à força, poder e agressão, se contrapõe à impotência e passividade advindas de enfermidades crônicas, socialmente consideradas letais.

De fato, a correspondência metafórica que os autores citam pode ser somente aparentemente perfeita, pois, como observamos anteriormente, o mapeamento entre elementos de domínio-fonte a domínio-alvo na metáfora é parcial, e não total.

Encontramos esse mapeamento parcial no artigo da Secom UFG publicado no Jornal UFG, que relata sobre a história de cura do câncer de mama de Evandra Costa, uma enfermeira que trabalha no Hospital das Clínicas da UFG. Observamos que a metáfora DOENÇA É GUERRA parece ser produzida mais pelo articulista do que pela própria Evandra, em suas falas que são citadas diretamente, em forma de entrevista. O jornal afirma que Evandra *lutou contra o câncer de mama* (a expressão se repete três vezes) e *venceu a batalha contra a doença* (a expressão se repete duas vezes).

A própria Evandra conceptualiza a doença de uma forma diferente de GUERRA. Ela faz uso do domínio-fonte CAMINHO, ou simplesmente chama a doença, o tratamento e a cura que dele decorre de *processo*: *Essa foi a minha trajetória inicial no meu processo oncológico. [...] Todo esse processo que eu vivi [...]. Depois que a gente passa por um processo desse*. Assim, percebemos que a entrevistada não fez uso do léxico belicoso para falar sobre e conceptualizar o câncer.

Cardoso e Campos (2023) alertam que a metáfora CÂNCER É GUERRA pode ser prejudicial se usada excessivamente, pois leva pacientes e médicos a utilizarem quaisquer recursos necessários no esforço de vencer a “guerra”, desconsiderando o contexto maior da vida do paciente (social, afetivo, emocional) e, possivelmente, causando um ônus na vida do enfermo que mais traz desvantagens do que vantagens. Ademais, nos casos em que há morte, conceptualizar pacientes como “perdedores” obviamente cria sentimentos negativos de impotência que são injustos. Os autores argumentam que existem limitações no tratamento e na compreensão dos vários cânceres, que prejudicam a “vitória”, e isso vai além das capacidades dos médicos e obviamente do próprio paciente.

De forma semelhante ao Quadro 1, abaixo apresentamos o Quadro 2, no qual são identificados os possíveis mapeamentos entre os elementos do domínio GUERRA para a compreensão do domínio DOENÇA.

Quadro 2 – DOENÇA É GUERRA

GUERRA	DOENÇA
vitória	obter a cura, descobrir meios de prevenção
derrota (morte de inocentes, destruição material e imaterial)	morte, contágio, progressão da doença para níveis mais agressivos (ex. criação de superbactérias)
batalhas, confrontos armados	enfermidade e sofrimentos que dela decorrem
armamento bélico, pessoal militar, recursos econômicos	medicamentos, tratamentos, exames, pessoal médico, vacinas, recursos econômicos
militares (tropas, exército, batalhões, marinhas, etc.)	vírus, bactérias, células cancerígenas, outros antígenos, enfermos, pessoal médico, familiares de enfermos

Fonte: elaboração própria.

Outras expressões comuns da linguagem popular que usam do léxico belicoso são aquelas que se utilizam do adjetivo “guerreiro(a)” e similares para fazer um elogio a alguém que passou por situações adversas na vida sem esmorecer. Nesse sentido, a vida é conceptualizada como uma *guerra* ou *batalha*, e a pessoa que a vive, um *guerreiro* ou *guerreira*. Porque continua vivo, “lutando”, tem-se o motivo de elogio.

Como descrito na metodologia, não encontramos instâncias da metáfora conceptual inicialmente hipotetizada, VIDA DIFÍCIL É GUERRA. Ao invés disso, o meio digital traz muito mais exemplos de uma *mulher guerreira*, que talvez habite o imaginário coletivo popular. No acervo do Museu da Pessoa *online*, encontra-se, por exemplo, o texto de autoria de Ana Claudia Scatamburlo Sanches, intitulado “Uma Mulher guerreira” para se referir a Maria Santana João, descrita como *batalhadora*.

Uma variação da figura da *mulher guerreira* encontra-se no título e conteúdo do artigo de Antloga (2021), *Mãe Guerreira*. A autora explica que, por mais que seja usado como elogio, as mães comumente consideradas “guerreiras” não contam com o apoio paterno na criação de seus filhos, e que, no mapeamento do domínio-fonte *guerra* para o domínio-alvo *maternidade*, os elementos de embrutecimento, medo e insegurança são desumanizantes e, num cenário ideal, não deveriam ser compatíveis com a experiência materna. O uso dessa metáfora como elogio,

no entanto, pode romantizar tanto esses aspectos negativos quanto os positivos do sujeito social “guerreiro”: força, coragem, capacidade de transpor obstáculos, entre outros.

Quadro 3 – MATERNIDADE É GUERRA

GUERRA	MATERNIDADE
Alegria da vitória	Alegria pelo nascimento do filho, felicidade causada pelo amor entre mãe e filho
Dor física causada por ferimentos em combate	Dor física causada pelo parto, dores pós-parto, dores causadas por amamentação
batalhas, confrontos armados	Dificuldades que mães enfrentam no cuidado com os filhos – noites mal dormidas ou em claro, dores de separação quando inevitavelmente ocorrem, preocupações com enfermidades do filho etc.
armamento bélico, pessoal militar, recursos econômicos	Roupas infantis, brinquedos, material escolar, termômetro, medicamentos
Pessoal de reforços	Pai e familiares

Fonte: elaboração própria.

Portanto, a metáfora MATERNIDADE É GUERRA ilumina e esconde certos ângulos da experiência da maternidade: de forma positiva, pode iluminar os aspectos de determinação, resiliência, independência, força, coragem. Negativamente, ilumina os aspectos citados por Antloga (2021): medo, insegurança, embrutecimento da vida. Por outro lado, pode esconder a ausência paterna e uma exagerada pressão social na figura materna como única provedora e cuidadora de seus filhos. De fato, no quadro 3, salientamos que a figura paterna como um “reforço” e não como agente principal nas demandas de cuidado com os filhos é algo que reflete a realidade brasileira, pois mais de 150 mil crianças nasceram sem o registro do nome do pai na certidão em 2024 no país³.

Considerações finais

Observamos, por meio de textos publicados digitalmente, exemplos e usos das metáforas conceptuais DISCUSSÃO É GUERRA e DOENÇA É GUERRA, previamente exploradas por Lakoff e Johnson (1982[1980]), e Almeida (2020), respectivamente. A hipótese da existência

³ Número de crianças sem o nome do pai na certidão cai pela primeira vez em cinco anos. Notícias, ANOREG, Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.anoregrj.com.br/numero-de-criancas-sem-o-nome-do-pai-na-certidao-cai-pela-primeira-vez-em-cinco-anos/#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20Associa%C3%A7%C3%A3o.com%20os%20quatro%20anos%20anteriores>. Acesso em: 7 maio 2025.

da metáfora conceptual VIDA DIFÍCIL É GUERRA, com base na experiência de vida da autora não se concretizou, e uma nova metáfora, MATERNIDADE É GUERRA, foi encontrada.

É preciso reunir um maior número de textos e enunciados e analisar as expressões metafóricas neles presentes, que nos revelam as metáforas conceptuais, para verificar a iteratividade da metáfora conceptual MATERNIDADE É GUERRA. Além do mais, é possível que a figura da *mulher guerreira* seja em si mesma advinda de uma metáfora conceptual, entretanto, também neste caso é necessário reunir um corpus de textos e falas em português para verificar tal hipótese.

A análise e a discussão de dados realizada nesta pesquisa ilumina os aspectos do mapeamento parcial que ocorre entre domínios do conhecimento para a formação de uma metáfora conceptual. Além disso, demonstramos de que forma as expressões metafóricas, que se evidenciam na língua escrita, nos dão pistas para encontrar metáforas conceptuais.

Referências

- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Estamos sempre em guerra? Estudo cognitivo sócio-histórico de uma metáfora da Gripe Espanhola e da COVID-19. *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n° 69, p. 366 - 395, 2020. DOI: <https://doi.org/10.9771/ell.v0i69.44310>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44310>. Acesso em: 02 jan. 2024.
- ANTLOGA, Carla. A mãe guerreira. *UnB Notícias*, Opinião, 09 maio 2021. Disponível em: <https://noticias.unb.br/artigos-main/4961-a-mae-guerreira>. Acesso em: 8 ago. 2024.
- BUMBEERS, Fernando. 9 dicas para vencer qualquer discussão. *Revista Galileu*, 26 mar 2015. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Life-Hacks/noticia/2015/03/9-dicas-para-vencer-qualquer-discussao.html>. Acesso em: 8 ago. 2024.
- BRASIL. Boletim Epidemiológico. *Ministério da Saúde*, Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente, v. 55, n° 11, 04 jul 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-11.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- CARDOSO, Eduardo Blanco; CAMPOS, Elisa Maria Parahyba. O emprego das metáforas bélicas no câncer. *Jornal da USP*, Artigos, 13 jan. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/o-emprego-das-metaforas-belicas-no-cancer/>. Acesso em: 8 ago. 2024.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2020.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metafora e Vita Quotidiana*. Ed. italiana a cura di Patrizia Violi, Espresso Istrumenti, 1982.
- SANCHES, Ana Claudia S. *Uma mulher guerreira*. Texto, Museu da Pessoa, São Paulo. Disponível em: <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/uma-mulher-guerreira/>. Acesso em: 9 jan. 2025.

Secom UFG. Outubro Rosa: HC-UFG/Ebserh abre campanha com o relato de uma colaboradora que lutou contra o câncer de mama. *Jornal UFG*, 07 out 2022. Disponível em: <https://jornal.ufg.br/n/160871-outubro-rosa-hc-ufg-ebserh-abre-campanha-com-o-relato-de-uma-colaboradora-que-lutou-contra-o-cancer-de-mama>. Acesso em: 8 jan. 2025.

Jornal da USP. Palavra da Semana #100: Guerra contra dengue exige atitudes individuais e institucionais. Episódio de Podcast. 09 fev 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/podcast/palavra-da-semana-100-guerra-contra-dengue-exige-atitudes-individuais-e-institucionais/>. Acesso: 8 ago. 2024.

Recebido em 27 de janeiro de 2025
Aceito em 01 de junho de 2025